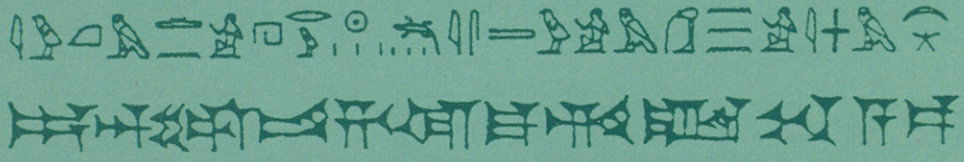
CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

não tinha aparecido nada do género em tradução direta das fontes originais hieroglíficas. E eis que, finalmente, um egiptólogo português se debruçou sobre esse rico manancial que são as fontes literárias do Império Médio e as traduziu da língua de Sinuhe para a língua de Camões. Para benefício do leitor, essas traduções surgem dotadas de numerosas notas de rodapé que procuram ser bastante completas e explícitas, indo de simples referências filológicas a enquadramentos históricos, de comparações com outras traduções a opções pessoais acompanhadas pelas respetivas explicações, de comparações entre o egípcio hieroglífico e o egípcio hierático a variadíssimas justificações a diversos níveis, podendo ser um ponto de partida para muitas outras investigações e estudos.

O Autor destas esmeradas traduções de doze textos egípcios do Império Médio bem sublinhou, atempadamente, que não intentou oferecer aos seus leitores um produto final: «Procurou-se a perfeição, mas também sabemos o que é a utopia!» – confessa com justa e maética probidade Telo Canhão, para quem este trabalho pretende ser um ponto de partida e não um ponto de chegada, para destarte melhor servir a pequena comunidade científica portuguesa que se dedica aos estudos egiptológicos, ou, num âmbito muito mais alargado, provendo os investigadores e os docentes da área de História Antiga de fecunda motivação para estudos comparativos. Esta obra notável engrandece o seu autor no seio do pequeno mas ativo núcleo de egiptólogos portugueses, prestigia a coleção de «Textos Clássicos» das edições da Fundação Calouste Gulbenkian e honra sobremaneira o Centro de História da Universidade de Lisboa e a sua linha de investigação de «História Antiga e Memória Global».

Luís Manuel de Araújo

ALESSIA FASSONE e ENRICO FERRARIS, *L'Égypte: L'Époque Pharaonique*, Paris: Éditions Hazan, 2008, 384 pp., profusamente ilustrado. ISBN 978-2-7541-4

A série «Guide des Arts» oferece-nos esta bem paginada e bem ilustrada obra em francês, a partir do original italiano (integrado na coleção «Dizionari delle Civilitá» com direção de Ada Gabucci) que foi traduzido por Claire Mulkai.

Na Introdução (pp. 6-7) ficam claros os objetivos que presidiram à feitura desta obra, que, entre outros desideratos, pretende ser um elo de ligação entre a sensibilidade do homem moderno e as vivências do homem antigo que

tantas obras de arte nos legou para que hoje as possamos fruir nos museus ou nos próprios locais onde foram feitas. E o Egito foi uma das civilizações antigas que mais perenes vestígios nos deixou da sua longa história de três mil anos de intensa produção arquitetónica, escultórica e pictórica, para já não falar da grande quantidade de objetos de cariz utilitário e decorativo destinados a esta vida efémera na terra e (principalmente) à outra vida, na qual fervorosamente acreditavam.

A organização do volume assenta em sete capítulos, abrindo com «Personagens» (pp. 9-91), onde se destacam os mais famosos reis do antigo Egito (embora com algumas personagens não reais no elenco, mas cuja ação lhes conferiu fama), seguindo-se «Estado e sociedade» (pp. 93- 119), «Religião e ciência» (pp. 121-181), «Vida quotidiana» (pp. 183-233), «O mundo dos mortos» (pp. 235-271), «Sítios e monumentos» (pp. 273-323) e por fim «História da egiptologia» (pp. 325-372).

Entre as personagens aqui evidenciadas encontra-se logo a abrir a figura lendária de Menés, considerado como o unificador do Egito, que poderá ser o histórico Narmer (cuja célebre paleta se exibe nas pp. 12-13), inserido habitualmente no final da ainda enigmática «dinastia 0». Com Djoser e Imhotep vemos o mais importante rei da III dinastia e fundador da época áurea do Império Antigo e o seu hábil arquiteto que deixou obra genial em Sakara (complexo funerário de Netjerikhet Djoser, com a célebre pirâmide escalonada). A operosa IV dinastia proporciona a evocação de Seneferu e de seu filho Khufu, seguindo-se Khafré e Menkauré, todos eles lembrados pelas suas obras de arquitetura e escultura. Depois há um salto para o início do Império Médio, com o enérgico Rei Mentuhotep II, da XI dinastia, a abrir caminho para o fundador da XII dinastia, Amenemhat I – e eis a grande deceção desta parte da obra aqui recenseada: não há qualquer alusão aos grandes monarcas deste fecundo tempo, como o rei Senuseret III e seu filho Amenemhat III, dos quais nos ficaram notáveis obras escultóricas (de Senuseret III existe até uma bela cabeça esculpida de obsidiana no Museu Calouste Gulbenkian). Com os Hicsos são recordados Kamés (XVII dinastia), que expulsou os estrangeiros do Egito, e Ahmés (XVIII dinastia), vindo depois Amen-hotep I e a rainha-faraó Hatchepsut. Entre esta notável dama e o seu fogoso herdeiro Tutmés III surge o alto funcionário Senmut, notável pelo importante papel que desempenhou durante o reinado da famosa rainha. O auge da civilização egípcia terá sido atingido por Amen-hotep III, que aqui vem bem acompanhado pelo seu grande arquiteto Amen-hotep filho de Hapu (mais tarde divinizado). Com Akhenaton e o jovem Tutankhamon (aos quais são dedicadas nove páginas) se encerra a XVIII dinastia, para na dinastia seguinte pontificarem Seti I e o seu faustoso filho Ramsés II (com oito páginas). A XX dinastia está bem representada por Ramsés III (seis páginas), seguindo-se Chechonk I, fundador da

XXII dinastia de origem líbia, Piankhi (Pié) fundador da XXV dinastia núbia, com o alto funcionário Mentuemhat ao serviço dos reis cuchitas mas perfeitamente egipcianizados. A seleção de faraós termina com Psametek I, fundador da XXVI dinastia, e Nectanebo I, fundador da XXX dinastia, a que se junta o sacerdote Udjahorresenet.

No capítulo sobre «Estado e sociedade» dá-se relevo a aspetos ligados ao poder real e à eficaz máquina administrativa que o apoiava, desfilando aqui o faraó (pp. 94-97) com os seus cinco nomes da titulatura régia e os símbolos do poder, desde as coroas aos cetros (pp. 98-102), os sacerdotes, escribas e funcionários (pp. 103-109), os soldados e o exército (pp. 110-112), os estrangeiros (pp. 113-116) e os artistas da corte (117-119).

O capítulo seguinte trata da «Religião e ciência», com a cosmogonia heliopolitana (pp. 122-124), Ptah e a Ogóade (pp. 125-127), homens e deuses (pp. 128-156), tendo sido selecionadas as mais importantes divindades do panteão: Maet, Ré, Osíris, Ísis, Hórus, Tot, Ptah, Amon, Hathor, todos ilustrados por boas representações em escultura e em pintura, e bem complementados por referências aos templos e aos sacerdotes (pp. 157-163), à magia (pp. 164-166), às cinco partes constituintes do homem com o *ka*, o *ba*, o nome (*ren*), a sombra (*chut ou khaibit*) e o *akh* (pp. 167-169), um componente luminoso que se obtinha na fruição da vida eterna, seguindo-se a astronomia, a medicina, a literatura e a escrita nas suas várias modalidades (pp. 170-181).

Segue-se a «Vida quotidiana», que evoca a organização dos espaços urbanos, desde a cidade às pequenas aldeias (pp. 184-186), a agricultura e os camponeses, o comércio e os transportes, a criação de gado e de aves, os animais e as plantas, a caça e a pesca (que eram então abundantes no país do Nilo), a alimentação, os servos (pp. 187-210), para depois se passar à casa e à família, evocando-se a mulher com o seu erotismo e as artes da sedução, os divertimentos, a estética e a moda (pp. 211-233).

Com «O mundos dos mortos» somos levados à inefável situação que os egípcios sentiam de terem de «morrer para renascer» (pp. 236-238), o que implicava a prática do embalsamamento após a evisceração e a mumificação, com o sepultamento e os rituais funerários, a psicostasia e a crença no mundo do Além (pp. 239-253), sendo conveniente possuir um bom sarcófago e outro mobiliário fúnebre para serem depositados nos túmulos, os quais variaram ao longo do tempo, podendo ir desde as mastabas (para os funcionários) e pirâmides (para os reis e suas rainhas), os poços ou hipogeus, em função da qualidade do defunto (pp. 254-271).

O capítulo dedicado aos «Sítios e monumentos» conduz-nos aos antigos locais pré-dinásticos de Nagada, Abido e Hieracômpolis, e depois a Mênfis e a Sakara (pp. 274-286), e, indo mais para sul, em direção ao Faium e a

diversos sítios provinciais, até chegarmos à antiga Tebas-Uaset, hoje Lucsor (pp. 287-305). Depois damos um salto para Akhetaton, hoje Amarna (pp. 306-308), para regressarmos à região tebana e à vila operária de Deir el-Medina (pp. 309-311). Este percurso termina no extremo norte, em Tânis, no Delta, e no extremo sul, na Núbia e em Abu Simbel (pp. 312-318), dispondo ainda o leitor, se tiver um pouco mais de fôlego, da oportunidade para visitar as ruínas de Naucratis e os oásis líbios no deserto ocidental (pp. 319-323).

O último capítulo deste volume sumariza a «História da egiptologia», desde as antigas apreciações feitas pelos Gregos e Romanos, passando pelo Renascimento, até à expedição militar e científica de Napoleão Bonaparte (1798-1801) e ao momento crucial dos estudos egiptológicos que foi a decifração da escrita hieroglífica por Jean-François Champollion, em 1822 (pp. 326-337), seguindo-se os primeiros egiptólogos e as grandes descobertas que permitiram a redescoberta do antigo Egito (pp. 338-371).

Nos Anexos pode o leitor interessado encontrar dois mapas do Egito, um com os principais sítios do Delta e do Médio Egito (p. 374), e outro referente ao Alto Egito e Baixa Núbia, conhecida pelos antigos Egípcios por Uauat (p. 375). Seguem-se duas páginas com a cronologia, a qual segue no essencial a periodização mais genericamente aceite (pp. 376-377), um pequeno glossário de apoio (p. 378) e uma lista de museus considerados pelos Autores da obra como os mais importantes pela qualidade e pela quantidade dos objetos egípcios dos seus acervos (379-380). Lá estão, sem surpresa, alguns museus americanos (o Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque e o Museum of Fine Arts de Boston) e ainda os mais visitados museus europeus com renomadas coleções egípcias (Museu do Louvre, Museu Egípcio de Berlim, British Museum, Museu Gregoriano do Vaticano, Museu de Viena, Museu Egípcio de Turim, entre outros), não podendo faltar o Museu Egípcio do Cairo e o de Lucsor. A obra remata com o Índice geral (pp. 380-381) e com uma boa e útil lista de livros incluídos na Bibliografia (pp. 381-383) que certamente proporcionará, aos que desejarem saber mais sobre a civilização egípcia e a sua brilhante produção artística, eficazes e proveitosas leituras complementares.

Ficou expresso na introdução do volume que ele almeja ser uma fonte de estudo e de conhecimento sobre a milenar civilização faraónica e um «instrumento de viagem» para os milhares de pessoas que visitam o Egito – a começar por todos aqueles que anualmente (e desde o ano 2000) integram os grupos organizados pelo Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em demanda do país do Nilo.

Luís Manuel de Araújo